

S.S. DILGO KHYENTSE RINPOCHE

Dilgo Khyentse Rinpoche, uma das cinco reencarnações imediatas de Jamyang Khyentse Wangpo, nasceu em 1910 como o quarto filho da família Dilgo, a qual descendia do grande rei do século IX, Trisong Detsen. A casa da família, seu local de nascimento, ficava no vale de Denkhok, na região de Kham, uma das quatro províncias principais do Tibete, a que se localizava mais a leste. Kham compunha-se de vários pequenos reinos, dos quais o maior e mais influente era Derge. O avô de Khyentse Rinpoche, Tashi Tsering, e, mais tarde, também seu pai, foram ambos ministros do rei de Derge.

O irmão mais velho de Khyentse Rinpoche tinha sido reconhecido como a encarnação de Sangye Nyenpa, um grande professor, cuja residência ficava em Benchen. Embora fosse muito religioso, o pai de Dilgo Khyentse não ficou muito feliz com a notícia, já que seu primogênito já era um monge e ele não estava inclinado a deixar todos os outros abraçarem a vida monástica.

Khyentse Rinpoche reconta: “Quando minha mãe estava grávida de mim, seu quarto filho, a família foi fazer uma visita a Mipham Rinpoche, um grande lama que vivia numa ermida a cerca de uma hora de caminhada de nossa propriedade. Mipham Rinpoche imediatamente perguntou se minha mãe estava grávida. Meus pais confirmaram sua pergunta, e em seguida perguntaram-lhe se seria um menino ou uma menina. ‘É um menino’, disse Mipham Rinpoche, ‘e no momento em que nascer, é importante que vocês me avisem’.

“Ele deu à minha mãe um cordão de proteção e umas pílulas abençoadas de Manjushri, o buda da sabedoria, para que me fossem dadas no nascimento. No dia em que nasci, antes mesmo que tomasse o leite de minha mãe, um lama, conforme instruções, escreveu em minha língua a sílaba Dhi, a sílaba-semente do mantra de Manjushri, utilizando para isso as pílulas amassadas misturadas com água de açafraão”.

“Quando tinha três dias de vida, meus pais me levaram até Mipham Rinpoche, que afirmou algo quanto a eu ser uma criança especial. Desde o meu nascimento, eu tinha cabelos longos e negros que caíam sobre os olhos. Meu pai perguntou se deveriam ser cortados, mas Mipham Rinpoche disse que não, e prendeu-os, ele mesmo, em cinco pequenos coques, como o penteado de Manjushri. A pedido de minha mãe, ele me deu um nome, Tashi Paljor (Glória Auspiciosa), escrevendo-o com sua própria mão num pedaço de papel que minha mãe sempre guardava em seu livro de orações. Pouco tempo depois, meus pais me levaram para ver Mipham Rinpoche outra vez. Ele me deu uma iniciação de Manjushri e disse: ‘Através de todas as suas futuras vidas, vou tomar conta de você’. Sinto que esta bênção dada por ele foi o evento mais importante da minha vida”.

Quando tinha um ano, um grande lama da linhagem Sakya, Loter Wangpo, veio à minha casa. Ele era o discípulo Sakya mais importante de Jamyang Khyentse Wangpo. Ele me abençoou, cantou algumas invocações, e disse para minha mãe: ‘Essa é uma criança diferente de todas as outras’. Ele me deu de presente uma

conta do rosário de Jamyang Khyentse, o qual usava ao redor do pescoço. Também me deu um longo lenço cerimonial de seda branca, dizendo: 'Esse menino é a emanção de meu professor, Jamyang Khyentse Wangpo. Há três dias seguidos tenho tido sonhos e visões de Khyentse Wangpo, e, quando eu vi o menino, não tive mais nenhuma dúvida'.

Em qualquer assunto importante, meu pai procurava aconselhar-se com Mipham Rinpoche, e nesta ocasião Mipham Rinpoche disse: 'Ainda é um pouco cedo para reconhecer publicamente o menino como a encarnação de Khyentse. Fazê-lo agora poderia provocar obstáculos'. E assim, pelo momento, meu pai não ofereceu meus cuidados para Loter Wangpo, nem mandou-me para o Monastério de Dzongsar.

"Quando eu estava com dois anos de idade, Mipham Rinpoche morreu, e Shechen Gyaltsap Rinpoche veio participar nas cerimônias do funeral. Durante sua estadia, visitei-o regularmente. Ele disse ao meu pai que eu deveria ser levado a ele mais tarde, ao monastério de Shechen, já que eu seria de benefício aos ensinamentos budistas e aos seres. Meu pai perguntou-lhe que indicações ele tinha disto. Shechen Gyaltsap Rinpoche, que raramente falava sobre estes assuntos, replicou que na noite anterior ele tivera um sonho no qual a imagem de Tserinma, a Protetora da Longa Vida em nosso templo, transformava-se na própria deidade e dizia a ele para tomar conta daquela criança, pois ela seria de benefício para os ensinamentos. Meu pai, que era um homem muito direto, disse que, se isso fosse mesmo verdade, ele permitiria que eu fosse para Shechen. Mas que se fosse apenas para ocupar um trono no monastério e para ser envolvido em políticas eclesiásticas, ele então não me daria autorização para ir. Gyaltsap Rinpoche assegurou-o que eu seria de benefício para os ensinamentos e os seres, e assim meu pai concordou em me deixar partir. No entanto, naquela época eu ainda era jovem demais para ser mandado para Shechen".

Quando a família viajava em peregrinação, outros grandes lamas, tais como Taklung Matrul e Adzom Drukpa diziam que aquela criança devia ser um lama encarnado. Mas seu pai não queria deixá-lo tornar-se lama, pois havia uma grande família, uma vasta propriedade e muitas terras para cuidar. No entanto, conforme reconta Khyentse Rinpoche: 'Naquele mesmo ano sofri queimaduras terríveis. O verão em nossa propriedade era a época mais ativa do ano agrícola, durante a qual empregávamos muitos trabalhadores. Para alimentar a todos, enormes quantidades de sopa eram preparadas num imenso caldeirão. Certo dia, brincando com meu irmão, caí dentro do caldeirão de sopa fervente. A parte inferior do meu corpo sofreu queimaduras tão graves que tive que permanecer acamado durante vários meses, seriamente doente, apesar das muitas preces de longa vida que minha família recitava para mim."

"Em desespero, meu pai perguntou: 'Que cerimônias você acha que ajudarão você a melhorar? Se há qualquer coisa que possa salvar sua vida, nós precisamos fazê-lo!'"

"O que eu mais desejava era tornar-me monge, e por isso respondi: 'Ajudaria

muito se eu pudesse usar roupas de monge'. Meu pai cumpriu sua palavra, e rapidamente fez com que algumas vestes monásticas fossem feitas. Quando as puseram sobre o meu corpo estendido na cama, senti-me transbordante de alegria. Eu também tinha posto em meu travesseiro um sino e um tambor de mão rituais".

"No dia seguinte pedi a Lama Osel, o atendente de toda a vida de Mipham Rinpoche, que viesse e raspasse a minha cabeça. Contaram-me que alguns dos nossos antigos colonos choraram naquele dia, lamentando: 'Agora que o último filho dos Dilgo tomou os votos, é o fim da linhagem familiar'. Mas fiquei tão feliz que minha saúde melhorou rapidamente e o risco de uma morte extemporânea foi superado. Tinha então dez anos de idade."

A ENTRONIZAÇÃO DO JOVEM DILGO

A noroeste de Derge encontra-se Shechen, um dos seis principais monastérios da Escola Nyingmapa. Foi ali que Khyentse Wangpo e o discípulo próximo de Lama Mipham, Shechen Gyalsap Rinpoche (1871-1926) formalmente reconheceram e entronizaram o jovem Dilgo Khyentse Rinpoche como uma das cinco encarnações deste grande lama. O menino tinha então doze anos. Khyentse Rinpoche conta sobre aqueles anos de ouro, passados com seus professores: "Quando chegamos, o atendente de Gyalsap Rinpoche nos saudou com dois lenços cerimoniais, um para mim e outro para meu irmão mais velho, Nyenpa Rinpoche. Ele nos transmitiu o desejo de Gyalsap Rinpoche de que nós dois esperássemos um dia auspicioso para encontrá-lo, pois seria a primeira vez que nos encontraríamos com ele em Shechen. Shedrup, no entanto, já tendo estado ali anteriormente, podia visitá-lo a qualquer momento que quisesse.

"Esperamos três dias antes de recebermos qualquer notícia; e, para mim, que aguardava o meu primeiro encontro com o meu professor, aqueles dias pareceram muito longos. Finalmente fomos levados até o local de seu retiro. Gyalsap Rinpoche estava usando uma jaqueta amarela, forrada de pele, ao invés das vestes monásticas. Seu cabelo, enrolando-se nas pontas, tinha crescido o suficiente para cair sobre os ombros, já que ele raramente saía de sua ermida de retiro. Mandaram que sentássemos e nos serviram arroz doce de açafraão. Gyalsap Rinpoche queria saber tudo sobre os professores que Nyenpa Rinpoche havia encontrado e sobre os ensinamentos que recebera. Nyenpa Rinpoche respondeu às suas perguntas por aproximadamente três horas.

"O eremitério de Gyalsap Rinpoche equilibrava-se numa das encostas da montanha, e ficava a cerca de quarenta e cinco minutos de caminhada morro acima, partindo-se do Monastério de Shechen. A trilha que subia até este belo local era bastante íngreme e escorregadia durante a estação das chuvas. Da

janela podia-se ver o monastério e o rio, lá embaixo no vale, emoldurados pelas montanhas cobertas de neve durante a maior parte do ano.

“Gyaltsap Rinpoche foi , indiscutivelmente, um dos lamas mais eruditos e realizados do seu tempo. Certa vez, começou um retiro de três anos, mas depois de apenas três meses, para surpresa de todos, reapareceu dizendo que já tinha completado o programa pretendido. Na manhã seguinte, seu atendente notou que a marca de uma pegada tinha aparecido na soleira de pedra de sua ermida. Essa pedra foi posteriormente removida do local por seus discípulos e ainda pode ser vista, nos dias de hoje, no Monastério de Shechen.

“O monastério costumava abrigar mais de duzentos monges. Seu abade era Shechen Rabjam Rinpoche, outro de meus principais professores, e era ele quem costumava ensinar os monges e dar-lhes iniciações. Ele também visitava outros monastérios para dar ensinamentos, viajando extensivamente, tendo chegado até o Tibete Central.”

“Também em Shechen encontrava-se um terceiro grande lama, Shechen Kongtrul Rinpoche. Ele morava do outro lado de uma queda d’água próxima à ermida de Gyaltsap Rinpoche, num platô acima de outro promontório, na encosta da montanha - um lugar aprazível formado por vários campos, que no verão se cobriam de flores amarelas. Shechen Kongtrul era um grande meditador e, assim como Shechen Gyaltsap, não participava da administração do monastério, que era gerido por Shechen Rabjam.”

“Durante vários meses, Shechen Gyaltsap deu a todos nós os ensinamentos mais importantes da tradição Nyingma. Enquanto ele estava dando iniciações, eu freqüentemente me impressionava com o esplendor e a magnificência de sua expressão e de seu olhar quando, com um gesto apontando em minha direção, apresentava a natureza da mente. Eu sentia que - deixando de lado a minha própria fraca devoção, que me fazia ver o professor como um homem comum - aquilo era na verdade exatamente como se o grande Guru Padmasambhava em pessoa estivesse concedendo iniciações aos seus vinte e cinco discípulos. Minha confiança tornava-se mais forte a cada dia, e quando novamente ele me olhava e apontava para mim, perguntando: ‘Qual é a natureza da mente?’, eu pensava, com grande devoção, ‘Este é verdadeiramente um grande iogue, que pode ver a natureza absoluta da realidade!’ e comecei a entender por mim mesmo como meditar. Em minha visita seguinte a Shechen, recebi de Gyaltsap Rinpoche a ordenação de noviço”.

Antes de encontrar-se com Shechen Gyaltsap, Khyentse Rinpoche passara muitos meses estudando filosofia budista com o maior erudito e eremita de seu tempo, chamado Khenpo Shenga. Ele recebeu ensinamentos d’O Caminho do Bodhisattva e de filosofia Madhyamika (“caminho do meio”). Foi também em Shechen que Khyentse Rinpoche veio a encontrar Jamyang Khyense Chökyi Lödro, também vindo para receber ensinamentos de Shechen Gyaltsap. Ao final

dos ensinamentos, Gyalsap Rinpoche entronizou o menino como a encarnação da mente de Jamyang Khyentse. Khyentse Wangpo teve cinco encarnações, que eram, respectivamente, as emanações de seu corpo, fala, mente, qualidades e atividades. Khyentse Chökyi Lödro era a encarnação de sua atividade. Khyentse Rinpoche explica:

“Na manhã da entronização, subi a trilha até o eremitério. Lá dentro, um grande trono tinha sido colocado. Shechen Kongtrul, que era ainda muito jovem nesta época, estava segurando o incenso, e Shechen Gyalsap estava vestido com suas melhores roupas. Eles me disseram para que sentasse no trono. Eles entoaram versos descrevendo as cinco condições perfeitas: a perfeição de tempo, local, professor, ensinamentos e discípulos. Gyalsap Rinpoche executou a cerimônia e me ofereceu objetos sagrados que simbolizavam o corpo, a fala, a mente, as qualidades e as atividades dos Budas. Então ele me apresentou um documento escrito, que dizia:

‘ No dia de hoje , tomo o filho da família Dilgo e o reconheço como a re-encarnação de Jamyang Khyentse Wangpo. Dou a ele o nome de Gyurme Thekchog Tenpai Gyaltzen, Imutável Bandeira da Vitória do Veículo Supremo. Confio a ele os ensinamentos dos grandes mestres do passado. Agora, se morrer, não terei arrependimentos’. Assim foram estas e outras ocasiões, num período de aproximadamente cinco anos, em que passei ao lado de Gyalsap Rinpoche em Shechen. Enquanto estava lá, eu não morava no monastério em si, mas no centro de retiro na encosta”.

“Então voltei para casa. Permaneci em retiro durante um ano numa caverna. Durante o inverno, sem sair do retiro, pedi ao erudito Khenpo Thubga que viesse e me concedesse ensinamentos detalhados sobre o Tantra da Quintessência Secreta. Ele me deu este ensinamento três vezes ao todo, e eu decorei tanto o texto-raiz quanto o comentário de trezentas páginas de autoria de Longchenpa.”

“Algum tempo depois, fui para Kyangma Ritro, onde morava Khenpo Thubga. Lá não havia nenhum monastério, nem quaisquer outras construções, apenas tendas. Foi ali, com a idade de quinze anos, que soube, por uma carta de meu pai, que Gyalsap Rinpoche tinha morrido. Por um instante, minha mente ficou em branco. Então, subitamente, a memória de meu professor assomou de modo tão intenso em minha mente que fui tomado pela emoção e chorei. Naquele dia me senti como se o meu coração tivesse sido arrancado do peito. Voltei para Denkhok e iniciei um período de retiro que duraria treze anos.”

A IMPORTÂNCIA DO MESTRE ESPIRITUAL

Khyentse Rinpoche nos fala sobre a importância do mestre espiritual:

“Um cristal assume as cores do pano sobre o qual é colocado, seja ele branco, amarelo, vermelho ou preto. Da mesma maneira, as pessoas com quem você passa o seu tempo, seja sua influência positiva ou negativa, farão uma grande diferença na direção que a sua vida e a sua prática irão tomar ”

“Passar o tempo com amigos espirituais verdadeiros irá torná-lo pleno de amor por todos os seres e o ajudará a ver o quão negativos são o apego e a raiva. Estar com amigos assim, e seguir o seu exemplo, irá naturalmente imbuí-lo com qualidades positivas deles, da mesma maneira que os pássaros voando ao redor de uma montanha de ouro se banham na sua radiância dourada ”

“Para libertar-se do samsara e atingir a onisciência da iluminação você precisa contar com um professor autêntico. Tal professor sempre pensa, fala e age de acordo com o Dharma. Ele lhe mostra o que fazer para progredir no caminho, e que obstáculos evitar. Um verdadeiro professor espiritual é como a vela que permite ao barco cruzar o oceano velozmente ”

“Se você confiar em suas palavras, encontrará facilmente seu caminho para fora do samsara. A iluminação não é algo que possa ser realizado apenas seguindo suas próprias idéias; cada estágio separado de sua prática, quer seja baseado nos sutras, quer nos tantras, requer uma explicação de um professor qualificado ”

“Diz-se que os Budas do passado, os do presente e aqueles que estão por vir, todos alcançaram ou alcançarão o Estado Búdico seguindo um professor ”

O próprio Khyentse Rinpoche se tornaria o arquétipo do professor espiritual, alguém cuja jornada interior levou-o a uma profundidade extraordinária de sabedoria e capacitou-o a ser, para quem quer que o encontrasse, uma fonte de bondade amorosa, sabedoria e compaixão. Para alcançar estas qualidades extraordinárias , Khyentse Rinpoche passou a maior parte dos treze anos seguintes em retiro de silêncio. Em ermidas remotas e cavernas profundas, nas íngremes e intocadas florestas das montanhas próximas ao seu local de nascimento no vale de Denkhok, ele meditava constantemente sobre o desejo de trazer todos os seres sencientes à liberação e à iluminação. Ele reconta sobre aqueles anos passados em retiro:

“Eu praticava desde as primeiras horas antes do amanhecer até o meio-dia, e desde o período da tarde até tarde da noite. Ao meio-dia , estudava meus livros, recitando os textos em voz alta para aprendê-los de memória. Fiquei numa caverna no Eremitério da Colina (Cliff Hermitage) durante sete anos, em White Grove por três anos e em outras cavernas e cabanas por alguns meses de cada vez, cercado por florestas cerradas e montanhas de neve. Minha caverna não tinha porta, e pequenos ursos costumavam vir farejar a entrada. Mas eles não conseguiam subir a escada que levava à caverna. Do lado de fora da caverna viviam raposas e todo o tipo de pássaros. Havia leopardos não muito longe dali; eles pegaram um cachorro que estava comigo. Um cuco vivia ali perto, e ele era o

meu despertador. Logo assim que o ouvia, por volta das três horas da manhã, levantava e começava uma sessão de meditação. Às cinco horas fazia um pouco de chá, o que significava que não precisaria ver ninguém até a hora do almoço. À noite, deixava o fogo apagar-se lentamente, de forma que na próxima manhã as brasas ainda estivessem quentes o bastante para serem avivadas. Eu podia atizar o fogo e ferver a água para o chá sem ter que me levantar do meu assento, apenas me inclinando para a frente. Tinha comigo uma grande quantidade de livros. A caverna era bastante espaçosa, alta o bastante para que se pudesse ficar de pé sem bater com a cabeça no teto, mas levemente úmida. Como a maioria das cavernas, era fresca no verão e retinha um certo calor no inverno.”

“Vivi na caverna do Eremitério da Colina, sem sair do retiro, durante sete anos. Meus pais vinham me ver de tempos em tempos. Eu tinha dezesseis anos quando comecei aquele retiro. Passava todo o tempo sentado numa caixa de madeira, ocasionalmente esticando as pernas. Shedrup, meu irmão mais velho, era o meu professor de retiro, e me garantiu que, a não ser que desse umas caminhadas do lado de fora de vez em quando, eu podia acabar prejudicado; mas eu não tinha a menor vontade de sair. Shedrup estava praticando, também, em retiro parcial, numa cabana ali perto. Junto com ele havia um atendente que, de tempos em tempos, saía para buscar provisões em nossa casa, a três horas de cavalo dali. Quando retornei a Kham em 1985, reencontrei aquele mesmo atendente, ainda vivo.”

“Durante cinco ou seis anos não comi nenhuma carne. Por três anos não pronunciei uma única palavra. Ao meio-dia, depois do almoço, costumava decansar um pouco e estudar alguns livros; eu nunca perdia tempo sem fazer nada. Meu irmão Shedrup sempre me encorajava a compor preces, canções espirituais e poemas, o que ele achava que seria uma boa prática de escrita. Eu tinha facilidade em escrever, e no final daquele período tinha escrito cerca de mil páginas; mas, mais tarde, quando fugimos do Tibete, tudo foi perdido.”

“Aquela caverna me transmitia uma sensação de clareza, e ali não havia nenhuma distração. Deixei meu cabelo crescer, e ele ficou muito longo. Quando fazia a prática do ‘calor interno’, experimentava um calor intenso, e dia e noite, durante anos, apesar do clima muito frio, usava apenas um manto branco e uma veste de seda crua. Costumava sentar numa pele de urso. Do lado de fora tudo estava congelado, mas dentro da caverna continuava quente.”

“Mais tarde, mudei-me para White Grove. Lá, construí sozinho uma pequena cabana de madeira com uma pequena janela. A esposa de Khyentse Rinpoche, Khandro Lhamo, nos conta:

“Rinpoche nunca se deitava à noite; ele dormia sentado, ereto em sua caixa de madeira. À noite, depois do jantar, ele começava sua sessão de prática e não falava até a hora do almoço no dia seguinte. Na hora do almoço seu irmão me chamava e nós almoçávamos todos juntos, e conversávamos um pouco. Então,

imediatamente Rinpoche começava uma nova sessão e não via ninguém até o anoitecer. Isso foi em White Grove, onde Rinpoche passou três anos em retiro, depois que a nossa primeira filha, Chimey, nasceu. Às vezes, o irmão mais velho de Rinpoche, Nyenpa Rinpoche, vinha e passava alguns meses em retiro ali perto. Mesmo depois de seu retiro, Rinpoche só permanecia na casa de sua família por uma semana ou duas, antes de voltar à sua ermida.”

Depois de ter completado seu retiro com a idade de vinte e oito anos, Khyentse Rinpoche passou vários anos com Dzongsar Khyentse Chökyi Lodrö (1896-1959), que era, assim como ele, uma encarnação do primeiro Khyentse. Khyentse Rinpoche considerava Chökyi Lodrö seu segundo principal professor e tinha um imenso respeito por ele. Depois de receber dele as iniciações da Coleção dos Tesouros Revelados ao longo de seis meses, Khyentse Rinpoche lhe disse que desejava passar o resto de sua vida em meditação solitária. Mas Khyentse Chökyi Lodrö foi categórico: ‘Sua mente e a minha são uma só’, disse ele. ‘Chegou o momento de você ensinar e transmitir aos outros os incontáveis ensinamentos preciosos que recebeu’. E assim, dali por diante, Khyentse Rinpoche trabalhou constantemente para o benefício de todos os seres vivos, com a energia incansável que é a marca registrada da linhagem Khyentse. Khyentse Chökyi Lodrö era também um descobridor de tesouros escondidos, e certa vez disse a Khyentse Rinpoche: “Você precisa encontrar muitos tesouros com os quais beneficiará os outros. Eu tive um sonho ontem à noite. Havia nuvens nas formas dos oito símbolos auspiciosos e muitas outras formas, e junto a elas, no céu, Budas e Bodisattvas. Daquelas nuvens caía uma chuva abundante de néctar, beneficiando os seres. Você deve compartilhar seus ensinamentos dos tesouros’. Ele pediu-me que lhe desse as iniciações de alguns dos meus tesouros, e eu as ofereci a ele”.

Em uma dessas visões de terma, Khyentse Rinpoche viu a mandala completa do Buda da vida eterna aparecer na superfície de um lago no leste do Tibete. Seguindo essa visão, escreveu um volume inteiro de ensinamentos e práticas espirituais. Reunidos, os tesouros espirituais de Khyentse Rinpoche perfazem cinco volumes. Khyentse Chökyi Lodrö então pediu a Khyentse Rinpoche que fosse até Rekong, na província de Amdo, e ensinasse o Tesouro dos Ensinamentos Redescobertos. Khyentse Rinpoche concedeu estes preciosos ensinamentos e iniciações durante quatro meses para mil e novecentos iogues. Khyentse Rinpoche encontrou e estudou com muitos outros mestres, cinquenta ao todo, recebendo deles seus ensinamentos como um vaso que se enche até o topo.

FUGA E EXÍLIO

Por volta do final da década de 1950, quando a guerra deflagrou-se em Kham,

Khyentse Rinpoche e sua família escaparam por um triz para o Tibete Central, deixando seus pertences para trás, inclusive os preciosos livros de Rinpoche e a maior parte de seus escritos. Juntos, eles partiram numa longa peregrinação até U e Tsang. Depois, por seis meses, Khyentse Rinpoche sentou-se em frente da famosa estátua do Buda Coroado em Lhasa para recitar cem mil oferendas da mandala do universo. Uma epidemia grassava em Lhasa, e por isso ele também executou muitas cerimônias e orações para os doentes e moribundos, não dando ouvidos aos temores de sua família de que também se contagiasse. Durante a epidemia, sua mãe e seu irmão mais velho, Shedrup, morreram.

De Tsurphu, a base do Karmapa, até o noroeste de Lhasa, Khyentse Rinpoche, sua família e uns poucos discípulos decidiram partir para o exílio. Eles alcançaram a fronteira butanesa tendo quase nada para comer. O governo do Butão ofereceu-lhes hospitalidade. Quando alcançaram um local chamado Wangdi Potrang, alguém ouviu, num radinho, que Khyentse Chokyi Lodrö havia falecido em Sikkim. Nesta época, Dilgo Khyentse Rinpoche estava com quarenta e nove anos. Ele então dirigiu-se a Sikkim para executar a cremação de Khyentse Chokyi Lodrö. Em Kalimpong e em Darjeeling ele também encontrou com outros grandes lamas, como Dudjom Rinpoche e Kangyur Rinpoche, com os quais trocou ensinamentos.

A pedido da família real, Khyentse Rinpoche mudou-se para o Butão. Ele se tornou professor escolar próximo a Timphu, a capital. Logo, sua perfeição interior atrairia muitos discípulos para si, e, conforme os anos passavam, ele viria a se tornar o mais importante professor budista no Butão, reverenciado por todos, desde o rei até o mais humilde agricultor.

O Butão é um reino montanhoso que conseguiu manter-se inatacado e independente desde que o Budismo Vajrayana foi ali introduzido no século oitavo por Guru Padmasambhava, e posteriormente pelo tertön butanês Pema Lingpa e pelo influente professor tibetano do século XVII, Shabdrung Ngawang Namgyal. A cultura budista pôde florescer sem impedimentos, e seus valores estão profundamente enraizados na mente de seu povo. Cada colina tem em seu topo um pequeno templo, cercado por bandeiras de oração tremendo ao vento. Rodas de oração são mantidas em movimento dia e noite, com o impulso de quedas d'água e riachinhos. Montanhas e fl orestas são salpicadas de ermidas, nas quais praticantes em retiro devotam seu tempo à meditação. Vária vezes ao ano Khyentse Rinpoche celebrava grandes cerimônias chamadas druptchen, ou “grande realização”, que duravam de oito a quatorze dias e noites ininterruptos. Certa vez, Khyentse Rinpoche passou duas semanas na Caverna do Ninho do Tigre, em Paro Taktsang. Lá, fez oferendas de cem mil lamparinas de manteiga e deu vários ensinamentos e iniciações. Em sua estadia ali, teve uma visão do grande lama do século dezoito, Jigme Lingpa, que tinha um livro sobre a cabeça, amarrado ao seu cabelo, e usava uma veste branca e um manto listrado de vermelho e branco. Ele punha a mão sobre a cabeça de Khyentse Rinpoche e lhe dizia: ‘ Você é o herdeiro dos meus ensinamentos, a Essência do Coração do Vasto Espaço (Longchen Nyinthig) . Você pode fazer com eles o que desejar’.

Jigme Lingpa também disse a ele que, de modo a manter a paz no Butão e para garantir a preservação dos ensinamentos budistas, quatro grande estupas deveriam ser construídas. Cada estupa deveria conter cem mil estupas em miniatura, feitas de argila. Isso foi realizado de acordo com estas instruções.

PROFESSOR DO DALAI LAMA

Depois de fugir do Tibete e chegar à Índia, Khyentse Rinpoche tornou-se um dos principais professores de Sua Santidade o Dalai Lama. Ele tinha primeiramente o encontrado em Lhasa , em diversas ocasiões. Pouco tempo depois de Khyentse Rinpoche alcançar a Índia, todos os principais lamas das quatro escolas do budismo tibetano reuniram-se em Dharamsala, o local de moradia do Dalai Lama na Índia, para oferecer orações por sua longa vida e discutir a preservação dos ensinamentos do budismo tibetano no exílio. As escolas Nyingma, Sakya, e Kagyu foram convocadas a escolher um representante para oferecer à Sua Santidade a mandala que simboliza o universo em sua totalidade. Em tais ocasiões, quem quer que faça a oferenda tradicionalmente inicia fazendo um discurso longo e erudito, descrevendo o universo de acordo com a cosmologia budista e com os princípios fundamentais da história e da doutrina budista. Normalmente, um grande escolástico compunha este discurso ao longo de algumas semanas, e o lia em voz alta no dia da cerimônia, mas requisitaram a Khyentse Rinpoche que fizesse o discurso com apenas um dia de antecedência. Não obstante, ele aceitou o pedido sem maiores formalidades. Um erudito ouviu falar no que tinha acontecido e ficou preocupado por Khyentse Rinpoche ter sido convidado a fazer uma conferência tão importante sem preparação. Ele trouxe para Rinpoche um livro que continha o texto de uma conferência semelhante, e sugeriu que Khyentse Rinpoche o estudasse ou lesse trechos daquele texto no dia seguinte. Khyentse Rinpoche agradeceu educadamente ao erudito, mas pôs o livro sobre a mesa e retomou a conversação que estava tendo com seus visitantes. Em seguida, foi dormir.

No dia seguinte, quando chegou o momento de fazer a conferência na presença do Dalai Lama e da audiência de estudiosos, Khyentse Rinpoche levantou-se, abriu o livro pela primeira vez e, segurando-o sem virar as páginas, apresentou um discurso altamente erudito que durou aproximadamente duas horas. No final, durante a oferenda dos Oito Objetos Auspiciosos para Sua Santidade, um trovão foi ouvido no momento em que ele segurou a concha em suas mãos. Todos ficaram impressionados com a erudição de Khyentse Rinpoche, a qual, depois disso, tornou-se famosa entre a comunidade tibetana na Índia. No dia seguinte, quando Khyentse Rinpoche estava dizendo adeus à Sua Santidade, o Dalai Lama comentou: ‘Aquele trovão de ontem foi um sinal auspicioso, não foi mesmo ?’

Mais tarde, o Dalai Lama convidaria Khyentse Rinpoche para vir à sua residência em Dharamsala muitas vezes. Ao longo dos anos, Khyentse Rinpoche ofereceu ao

mesmo os principais ensinamentos da tradição Nyingma. O Dalai Lama conta sobre Khyentse Rinpoche: “Khyentse Rinpoche é um dos meus gurus mais importantes. Desde o meu primeiro encontro com ele, tive indicações claras de uma relação cármica especial. Mais tarde, recebi dele ensinamentos pelos quais hoje me sinto muito grato. Ele é um grande praticante e um grande erudito, sem mencionar suas qualidades secretas. Eu particularmente aprecio sua atitude não-sectária. A despeito de sua fama e de seu imenso número de seguidores, ele sempre se mantém muito gentil e humilde. O Buda explicou em grande detalhe as qualidades de um autêntico guru. Todas estas qualidades encontrei em Khyentse Rinpoche”.

As realizações de Khyentse Rinpoche em diferentes áreas de atuação, individualmente, seriam mais do que suficientes para ter preenchido uma vida inteira. Vinte anos, aproximadamente, praticando em retiro; um alcance e uma profundidade impressionantes de ensinamentos, consumindo pelo menos diversas horas por dia ao longo de meio século; vinte e cinco extensos volumes de escritos; numerosos projetos de vulto para preservar e divulgar o pensamento, a tradição e a cultura budistas, coordenados por ele em todas as suas incumbências – assim Khyentse Rinpoche incansavelmente deu forma à dedicação de toda uma vida ao budismo.

É provável que seu conhecimento do vasto escopo da literatura budista tibetana não conheça paralelo. Além disso, ele herdou a determinação de Jamyang Khyentse Wangpo de preservar e tornar acessíveis textos de todas as tradições, particularmente aquelas em perigo de extinção. Durante a vida de Khyentse Rinpoche, a rara herança do Tibete viu-se ameaçada por um perigo externo, com os graves tumultos da Revolução Cultural. Inumeráveis livros, em incontáveis bibliotecas de mosteiros, foram sistematicamente destruídos, e poucos dos lamas e eruditos que escaparam para o exílio conseguiram trazer com eles seus preciosos volumes, em viagens apressadas e arriscadas, freqüentemente chegando com pouco mais do que as roupas do corpo. Na maioria dos casos, no entanto, os textos sobreviveram, mesmo que às vezes com apenas uma ou muito poucas cópias. Gradualmente acumulando ímpeto ao longo de duas décadas, conforme os financiamentos e a mão de obra se tornava mais e mais disponível, a imensa tarefa de republicar quase a totalidade da literatura tibetana teve início. O próprio Khyentse Rinpoche, através de seus esforços ao longo dos anos para editar e publicar textos importantes, preservou para a posteridade aproximadamente trezentos volumes.

Com freqüência complementando ou iluminando os trabalhos de grandes mestres do passado, os escritos de Khyentse Rinpoche formam uma verdadeira enciclopédia de textos de prática, comentários, preces, poemas e conselhos. Mas Khyentse Rinpoche foi mais do que um grande erudito. Não há dúvida de que para ele, o mais importante, e o que lhe dava a maior satisfação, era o fato de os ensinamentos que tinha realizado e transmitido pudessem ser postos em prática pelos outros.

Ele ensinava a cada momento disponível do dia, incansavelmente respondendo a todos os pedidos de instrução e orientação espiritual. Com frequência, ensinava durante todo o dia, por meses a fio, tanto para grupos que iam de umas poucas dúzias de alunos a vários milhares de pessoas. Mesmo depois de um dia inteiro de ensinamentos, estava pronto para atender a algum pedido individual e ensinar a uma pessoa ou a um pequeno grupo, em seus próprios aposentos, até tarde da noite. Durante rituais que duravam o dia todo, enquanto todos os outros praticantes saíam para o intervalo do almoço, ele fazia uma rápida refeição e usava cada minuto antes de continuar a cerimônia para dar a alguém a explicação sobre algumas páginas de um texto de meditação ou comentário filosófico. Qualquer pessoa que tenha ouvido os ensinamentos dados por Khyentse Rinpoche saiu impressionada com sua apresentação notável. Raramente olhando para o texto escrito, ele falava sem esforço, em ritmo constante, de forma contínua e sem grande ênfase, num fluxo incessante sem pausa ou hesitação, como se estivesse lendo um livro invisível localizado em sua memória. De alguma forma, o assunto em questão era sempre coberto uniformemente, do começo ao fim, no tempo exato destinado para isso, adaptado precisamente para o nível de compreensão da audiência. Pronunciadas por ele, mesmo umas poucas palavras podiam abrir a porta para uma sucessão de novas percepções da vida espiritual.

Onde quer que estivesse, Khyentse Rinpoche se levantava bem antes do amanhecer para rezar e meditar durante várias horas, antes de embarcar num fluxo ininterrupto de atividades até tarde da noite. Ele conseguia dar cabo de uma imensa carga diária de trabalho, com total serenidade e aparentemente sem esforço. Embora fosse profundamente gentil e paciente, a presença de Khyentse Rinpoche, a vastidão de sua mente e sua aparência física poderosa inspiravam admiração e respeito. Com seus discípulos mais próximos e seus atendentes, ele podia ser muito rigoroso, pois sabia que um bom discípulo “se fortalece sob forte disciplina”. Ele nunca falava de forma dura com os visitantes ou aqueles que não estivessem comprometidos com ele, mas com seus próprios discípulos não fazia concessões quanto a comportamentos, palavras ou pensamentos desleixados. Para aqueles que viviam perto dele, ficava também óbvio que podia enxergar claramente através de qualquer hipocrisia ou falsidade. Embora os ensinamentos budistas afirmem que não há melhor testemunha do que a nossa própria mente, sua presença amorosa, embora impressionante, exercia uma influência poderosa sobre seus discípulos e garantia que suas mentes não divagassem.

A MORTE DE UM GRANDE MESTRE

No início de 1991, Khyentse Rinpoche começou a apresentar os primeiros sinais de falta de saúde ao ensinar em Bodhgaya. Ao completar seu programa ali, no entanto, viajou para Dharamsala e sem aparentar dificuldades, passou um mês

inteiro dando importantes iniciações e transmissões a Sua Santidade o Dalai Lama, as quais o mesmo vinha requisitando havia muitos anos. De volta ao Nepal, conforme a primavera avançava, tornou-se óbvio que sua saúde estava se deteriorando gradualmente. Ele passava a maior parte do tempo em oração silenciosa e em meditação, reservando apenas umas poucas horas do dia para encontrar-se com aqueles mais necessitados de vê-lo. Foi obrigado a cancelar uma quarta visita ao Tibete, na qual planejava visitar o monastério de Shechen mais uma vez. Ao invés disso, escolheu passar três meses e meio em retiro do outro lado do Ninho do Tigre, Paro Taktsang, no Butão, um dos locais mais sagrados, abençoado por Padmasambhava.

Depois de seu retiro, Rinpoche parecia ter melhorado de saúde. Visitou vários de seus discípulos que estavam em retiro e falou a eles sobre o professor absoluto, para além do nascimento e da morte ou de qualquer manifestação física. Mas pouco tempo depois, começou a apresentar sinais de doença, e por doze dias ficou praticamente impossibilitado de comer ou beber. No dia 27 de Setembro de 1991, ao cair da noite, pediu a seus atendentes que o ajudassem a se sentar na posição ereta e caiu num sono tranquilo. Nas primeiras horas da manhã, sua respiração cessou e sua mente se dissolveu na vastidão absoluta.

Assim, a vida extraordinária de Khyentse Rinpoche chegou ao fim - uma vida passada inteiramente em estudos, prática e ensinamentos, desde tenra idade. Onde quer que estivesse, dia ou noite, com o mesmo fluxo ininterrupto de bondade, humor, sabedoria e dignidade, todos os seus esforços dirigiram-se à preservação e à expressão de todas as formas de ensinamento budista.

A pedido de discípulos do Tibete e de todo o mundo, seu corpo foi preservado durante um ano por métodos tradicionais de embalsamamento. Foi levado do Butão para o Monastério de Shechen no Nepal, onde ficou durante vários meses, para que mais pessoas pudessem vir prestar-lhe sua homenagem. Todas as sextas-feiras (dia da sua morte), durante as primeiras sete semanas, cem mil lamparinas de manteiga foram oferecidas na estupa de Bodhnath, próxima ao monastério de Shechen. Toda a comunidade tibetana juntou-se aos monges para preparar e acender as lamparinas.

Por fim, seus restos mortais foram cremados perto de Paro, no Butão, em Novembro de 1992, numa cerimônia de três dias de duração, à qual compareceram mais de cem importantes lamas, a família real e ministros do Butão, quinhentos discípulos ocidentais e uma multidão de aproximadamente cinquenta mil devotos – uma aglomeração sem precedentes na história do Butão.

Muitos grandes homens e mulheres, deixando-se de lado seu gênio particular na ciência ou nas artes, não são, necessariamente, bons seres humanos. Khyentse Rinpoche foi alguém cuja grandeza estava totalmente de acordo com os

ensinamentos que professava. Independentemente da incalculável profundidade e alcance de sua mente, ele foi, de um ponto de vista meramente mundano, um ser humano extraordinariamente bom. Aqueles que conviveram com ele, mesmo por dez ou quinze anos, dizem que nunca testemunharam uma única palavra ou ato seu que prejudicasse qualquer ser. Sua única preocupação era o benefício presente e último dos outros seres. Ele foi um exemplo vivo do que nos espera ao final do caminho espiritual, a mais alta inspiração possível para qualquer pessoa que esteja considerando a idéia de sair na jornada em direção à iluminação.

Retornar